

O Povoado Pedra Aguda

(Aldeia Viçosa, Guarda)

Subsídios para o seu conhecimento

Vitor Pereira

1. Nota Introdutória

O presente artigo corresponde à análise de um povoado fortificado, localizado no vale do Mondego, na freguesia de Aldeia Viçosa, no limite concelhio da Guarda e de Celorico da Beira.

Através da publicação das características deste povoado e dos materiais arqueológicos deste espaço esperamos contribuir para um conhecimento do povoamento humano que se terá verificado no vale do Mondego.

Pretendemos analisar diversos factores, como o critério de implantação, relações que se terão estabelecido com outros povoados, territórios de exploração, entre outros.

A estação arqueológica nunca foi alvo de uma investigação arqueológica, embora existam algumas referências pontuais sobre achados, nomeadamente dois machados de bronze e cerâmica recolhida em prospecção.

Em termos geomorfológicos o povoado localiza-se numa área de transição, entre o vale do Mondego e a depressão de Celorico da Beira, com uma orografia regular, com terrenos férteis para a actividade agrícola, junto ao rio Mondego. Des-

taca-se ainda pela abundância de linhas de água com nascentes nas proximidades do povoado. Do ponto de vista litológico a área envolvente é de natureza granítica, com intercepções de filões de quartzo.



Fig. 1 – Localização na Carta Militar de



Fig. 2 – Vertente Oeste do povoado.

2. O Povoado

Durante um longo período de tempo verificou-se uma certa confusão entre o povoado agora estudado e o “Monte Verão”. A análise que realizámos permitiu verificar que existe, a Sul da Pedra Aguda, uma elevação com a denominação de Monte Verão. Todavia, não apresenta materiais arqueológicos, nem uma plataforma que possibilitasse o assentamento de uma comunidade humana. Desta forma, parece-nos que os diversos autores referiam-se à Pedra Aguda.

O sítio apresenta as coordenadas geográficas: 40°35’49”,6N; 7°19’26”,31W; 872m de altitude. Implanta-se no esporão de uma elevação, que faz parte de uma cadeia montanhosa relacionada com

a plataforma do planalto de Videmonte, integrada nos contrafortes da Serra da Estrela.

A implantação deste povoado é curiosa, uma vez que corresponde a um esporão que se eleva sobre uma extensa plataforma (como se pode verificar na imagem), que teve certamente aproveitamento agrícola.

Com a aproximação ao povoado apercebemo-nos da existência de uma linha de muralha, construída com pedras de média e grande dimensão, circundando o cabeço, aproveitando os *thors* graníticos, com uma planta circular. É sobretudo na vertente virada a Oeste e a Sudoeste que esta é melhor percebida, embora na vertente Este também se observem derrubes de muros. As vertentes Norte e Sul apresentam elevado declive, não se verificando vestígios de muralha.



Fig. 3 – Sistema defensivo.

Este povoado apresenta uma implantação típica de povoados da Proto-história Antiga (século X ao VI a.C), ocupando sítios elevados, que se destacam na paisagem, permitindo-lhe excelente domínio visual da área envolvente, a grande distância. De facto, verificamos que a Pedra Aguda controla visualmente a bacia de Celorico, o corredor natural que se forma com o rio Mondego desde a depressão de Celorico até à junção entre o Mondego e a ribeira do Caldeirão, bem como a bacia que se forma a Oeste do povoado, com a ribeira da Cabeça Alta.

Não podemos deixar de referir que esta tipologia de *habitats* são identificados como povoados de altitude, demonstrando uma defensibilidade natural, sem dúvida uma preocupação defensiva, culminando as falhas de defesa natural com a construção de linhas defensivas, muralhas cuja função é tornar áreas mais acessíveis, inexpugnáveis.

Verificámos ainda que mesmo com o fim das redes de intercâmbio regional, relacionadas com o fim da exploração do estanho, o povoado continuou a ser ocupado, denunciando que também na Idade do Ferro o controle dos territórios abrangentes foi uma das questões fundamentais da manutenção do povoamento, aliado ao significado de posse territorial.

3 Territórios de Exploração

Considerámos que a realização de territórios de exploração para a Pedra Aguda poderia contribuir para um melhor conhecimento da estação arqueológica, apesar das reservas que teremos de estabelecer com estes modelos teóricos.

As áreas de influência dos povoados, ou seja, as áreas que os habitantes deste povoado possivelmente exploravam, é um método que começou a ser aplicado a partir da década de 70, denunciando a relação entre o meio ambiente e a subsistência das comunidades humanas. Através da análise da tipologia dos terrenos, tentaremos obter algumas informações sobre o modo de vida destas comunidades, tendo presente que a topografia é um dos elementos mais estáveis da paisagem.

Optámos pela aplicação do método de DAVIDSON E BAILEY (1984), envolvendo conceitos como tempo, distância e factor de custo de exploração. Efectuámos contudo algumas alterações, nomeadamente a utilização de uma carta à escala 1: 50 000, com uso das curvas de nível de 100m.

Calculámos os territórios de 30 e 60 minutos, com maior relevância destes últimos.

O facto de não existirem cartas de solos, à escala 1: 25 000 (para a área em questão) não nos permite a análise das características do território explorado. Desta forma, optámos pela referência a apontamentos de diversas características que conseguimos observar.

Pela análise dos materiais arqueológicos doutras estações arqueológicas deste período torna-se perceptível que não utilizavam equipamento técnico que lhes permitisse cultivar as terras de aluvião (mais pesadas), dando preferência às encostas de montanha, mais elevadas, apropriadas para o cultivo de cereais por serem mais secas. Dado que são classificados como terrenos que facilmente se esgotam, concluímos que a agricultura teria pouca relevância na economia destas comunidades.

O território de exploração de 30 minutos demonstra terrenos montanhosos, apropriados para o pastoreio e o plantio de cereais. A existência de diversas plataformas, de consideráveis dimensões e irrigadas por pequenas linhas de água, pode ter

permitido o plantio de cereais.

Por outro lado, os territórios incluídos na área de 60 minutos incluem terrenos com diferentes capacidades, entre os quais o vale do Mondego, que permitia o plantio de horticolas e a pesca. Inclui ainda áreas de montanha que possibilitavam pastagens para os animais no período do Verão.

Na área de exploração de 60 minutos inclui-se um local denominado de Soida, evidenciado por alguns autores como um povoado da Proto-história recente (LOBÃO, MARQUES, NEVES, 2000). O facto de apresentar poucos vestígios arqueológicos e ficar na área de exploração da Pedra Aguda leva-nos a colocar a hipótese de ser um local secundário face a este último, ocupado, por exemplo, sazonalmente, por uma parte da população de Pedra Aguda. A mesma situação foi detectada no Caldeirão com a Quinta da Lameira. De facto, são conhecidos diversos sítios centrais que possuem nos seus territórios de exploração outros *habitats*, ocupados temporariamente com finalidades defensivas ou de exploração de um certo recurso. No caso da Soida poderá possuir uma finalidade defensiva, uma vez que permite controlar a área Sul do vale

do Mondego, podendo servir como atalaia da Pedra Aguda.

Torna-se evidente – pela análise das áreas de exploração – que seria a pecuária a principal actividade desta comunidade. De facto, as referências escritas que possuímos sobre estes povos, já de período romano, evidenciam que seriam pastores.

Gostaríamos ainda de referir alguns estudos palinológicos efectuados na Serra da Estrela (VALERA, 1997: 27-30), que comprovam um impacte humano significativo na paisagem no Bronze Final, evidenciando maior actividade humana (nas queimadas) de forma a obter terrenos para o pastoreio e a agricultura.



Materiais Arqueológicos

A prospecção realizada no cabeço permitiu verificar a existência de alguns materiais arqueológicos, todavia, encontravam-se muito rodados, não permitindo qualquer tipo de identificação cronológica. Contudo, numa publicação dos anos 30 do século XX encontrámos uma referência de dois machados de cobre e cerâmica, deslocada para a Figueira da Foz (OLIVEIRA, 1939: 264). Após identificação do local, o Museu Santos Rocha¹, solicitámos que nos fosse permitido efectuar o estudo do espólio cerâmico (que apresentamos *infra*, em anexos: catálogo).

A referência de PERESTRELO à identificação no local de materiais do Calcolítico ou Bronze Inicial permitia-nos desde já definir uma barreira cronológica (PERESTRELO, 2000: 70). Por outro lado, os materiais que estudámos apresentavam uma diacronia de ocupação mais longa, desde o Calcolítico ao período romano.

O conjunto cerâmico encontra-se dividido em quatro grupos, sendo o primeiro cerâmica do Calcolítico / Bronze Inicial, caracterizada por três exemplares, sendo os dois primeiros pequenas taças, a primeira quase completa (com restauro),

carejada, de pequena dimensão, e o terceiro uma taça aberta de grandes dimensões com asa mamiforme sob o bordo, com paralelos no castro de Santiago (Fornos de Algodres).

O segundo grupo insere-se no Bronze Final, destacando-se dois subgrupos, os decorados e os simples. Os decorados inserem-se na decoração Baiões/Santa Luzia, com triângulos preenchidos com linhas paralelas, incisas, gravadas na fase de pré-cozedura (n.º 4 e 5 do catálogo). Embora este tipo de decoração apareça sobretudo no bojo, no exemplar n.º 4 da Pedra Aguda surge sob o bordo, situação observada também no Cabeço do Cucão, Pedra Cavaleira (SENNA-MARTINEZ, 1993: 147). Existe ainda um fragmento com decoração em *cepillo*. A decoração Baiões/Santa Luzia, embora representada por apenas dois exemplares, parece apontar para resultados semelhantes aos obtidos no povoado do Caldeirão (Guarda), denunciando a existência de “trocas” comerciais com a área centro da Beira Alta.

Por outro lado, os exemplares lisos podem ser subdivididos em dois grupos distintos. O grupo A corresponde às cerâmicas de fabrico mais

fino, com uma parede com menos de 7mm, evidenciando um fabrico e acabamento cuidados, cuja função seria, possivelmente, servir à mesa os alimentos. Neste grupo inserimos os exemplares dos números 4 a 7 deste trabalho, apresentando a superfície exterior alisada. As pastas deste subgrupo apresentam um fabrico mais cuidado com escassos elementos não plásticos, < 1mm, sobretudo visíveis no interior da peça.

O fabrico B corresponde a exemplares mais rudimentares, de maiores dimensões e cuja função seria o armazenamento de produtos. Apresentam superfícies pouco cuidadas. Neste grupo inserimos os exemplares 8 a 13, correspondentes a exemplares de dimensão média/grande. Verificámos que a maioria dos exemplares deste tipo correspondem a potes, apresentando algumas semelhanças quanto ao colo e bordos extrovertidos. Curiosamente não há exemplares de grandes dimensões, apenas médias e as formas identificadas apresentam uma grande homogeneidade.

Os fundos encontram-se representados por dois exemplares, pertencentes ao grupo B, com pastas de cor cinzenta e elementos não plásticos

em grandes quantidades, alguns > 1mm. O diâmetro oscila entre os 9 e os 11cm. Possivelmente o n.º 15 pertenceria a uma recipiente de grandes dimensões, tendo em conta que é de dimensão considerável e com espessamento.

Verificámos ainda que apresenta uma grande variedade de bordos, que podem ser rectos ou virados para o exterior, sendo os lábios planos ou convexos.

Relativamente ao tipo de pastas verificámos que as pastas deste subgrupo apresentam micas e quartzo, alguns < - > 1mm, com elevada frequência.

Relativamente aos materiais da Proto-História Recente pouco podemos afirmar pela falta de tabelas tipológicas para a região. O primeiro exemplar corresponde à fusaiola, que optámos por colocar neste período, embora com muitas reservas, pois desde o calcolítico que são conhecidos exemplares, como o de los Castillos de las Herencias (REQUENA, VALERA, 1995: 284). Denunciando a importância da tecelagem e os avanços técnicos que ela representa, é com a Idade do Ferro que se vai generalizar.

O segundo exemplar (n.º 18) corresponde a um pote de colo estrangulado e o terceiro (n.º 19)

a uma forma tronco-cónica, de paredes muito verticais.

Relativamente aos materiais de período romano verificámos que correspondem maioritariamente a materiais de construção, sendo a única excepção um pequeno fragmento de *terra sigillata* hispânica. O facto de estar presente este vestígio, embora um único exemplar, poderá representar uma importância extrema se observado no contexto territorial.

Gostaríamos ainda de realçar o facto de não termos encontrado material de época romana neste povoado quando realizámos a nossa visita, levando-nos a colocar algumas reservas nos resultados agora apresentados.

Neste sentido, a existência de materiais exógenos a esta área, nomeadamente os machados e a cerâmica de Baiões/Santa Luzia, bem como outras evidências em povoados da região, como o Caldeirão, parecem atestar a existência de uma rede regional e mesmo inter-regional de intercâmbio, funcionando o vale do Mondego como passagem natural entre a área centro da Beira Alta, pela bacia de Celorico, e a área mais a sul. Estas rotas têm maior evidência no Bronze Final, com a exploração das jazidas de estanho locais (existentes

na área de Videmonte), sendo o controle “militar” deste vale fundamental para os povoados, como a Pedra Aguda. Todavia, este povoado não possui nas suas proximidades jazidas de estanho, o que nos leva a ponderar a hipótese de corresponder a um povoado central (atestado também pelas muralhas), encontrando-se relacionado com a exploração das jazidas a Sul e a sua “comercialização”. Esta hipótese possui como sustentação os dois machados de cobre, objectos de prestígio, que pertenceriam a uma elite local, aquilo que Alarcão defende como agente de circulação do metal (VILAÇA, 1995A: 420).

Considerações Finais

Com esta análise é possível confirmarmos que ao longo do I milénio a.C. o povoado Pedra Aguda fez parte de uma malha de povoamento que se concentrou em torno do rio Mondego. Não obstante, nunca foram realizadas sondagens arqueológicas em nenhum destes sítios, sendo o nosso conhecimento proveniente da análise de materiais recolhidos à superfície. Neste sentido, aquilo que sabemos certamente apresenta algumas lacunas.

A análise dos materiais arqueológicos constitui certamente uma mais valia no conhecimento destes sítios, contribuindo para uma definição da ocupação humana, principalmente em locais onde não são conhecidas sequências estratigráficas. Esperamos, com este estudo, contribuir no conhecimento desta malha de povoados.

Bibliografia

- ALARCÃO, Jorge de (1993) – *Arqueologia na Serra da Estrela*, Manteigas: Parque Natural da Serra da Estrela.
- IDEM (2001) – Novas perspectivas sobre os lusitanos (e outros mundos). In *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4: 2, p. 293-350.
- ALMEIDA, João de (19452) – *Roteiro dos Monumentos de Arquitectura Militar*. Lisboa: Editorial Império, p. 63-71.
- DAVIDSON, Ian; BAILEY, G.N. (1984) – Los Yacimientos, sus territorios de explotación y la topografía. *Boletín del Museo arqueológico Nacional* (Madrid). [s.l.]. II: 1, p. 25-46.
- DIRECÇÃO GERAL DE MINAS E SERVIÇOS GEOLÓGICOS (1963) – *Carta Geológica de Portugal na escala 1 / 50000. Notícia Explicativa da folha 18-C. Guarda*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- FABIÃO, Carlos (1992) – O passado Proto-Histórico e romano. História de Portugal. Lisboa: Circulo de Leitores. 2, p. 79-301.
- FARIA, António (1985) – Subsídios para um inventário dos achados monetários no distrito da Guarda. In *Bibliotecas, Arquivos e Museus*. Lisboa. 1: 2, p. 685.
- IPPAR (1993) – *Património Arquitectónico e Arqueológico classificado*. Lisboa.
- LOBÃO, J. C.; MARQUES, A. C.; NEVES, D. M. (2002) – *Prospecção arqueológica no concelho de Celorico da Beira*. Coimbra: Instituto de Arqueologia (policopiado).
- LOPES, António B. (1993) – *A cerâmica do Castro da Senhora da Guia (Baiões)*. Tecnologia e Morfologia. Porto. Dissertação de Mestrado.
- MARTINS, Manuela (1990) – *O povoamento proto-histórico e a romanização da bacia do curso médio do Cávado*. Braga: Universidade do Minho.
- MEDINA, João (1993) – *História de Portugal*. Alfragide: Ediclube. 1/2.
- OLIVEIRA, Manuel R. (1939) – *Celorico da Beira e o seu concelho. Através da História e da tradição*.

- Celorico da Beira: [s.n.], p. 263-264.
- IDEM (1997₂) – *Celorico da Beira e o seu Concelho. Celorico da Beira*: Câmara Municipal de Celorico da Beira, p. 629.
- OOSTERBEEK, Luiz M. (1995) – O Neolítico e o Calcolítico na região do vale do Nabão (Tomar). *Trabalhos de Arqueologia*. Lisboa, 7, p. 101-111.
- PERESTRELO, Manuel S. G. (2000) – O Povoado do Caldeirão – Subsídios para o estudo do Bronze Final na região da Guarda. *Beira Interior. História e Património: Actas das primeiras jornadas de Património da Beira Interior*. Guarda: Ferreira eds., p. 51-96.
- RODRIGUES, Adriano V. (1977₂) – *Monografia Artística da Guarda*. Guarda: [s. n.].
- IDEM (1992₂) – *Celorico da Beira e Linhares: monografia Histórica e Artística*. [s.l.]: Câmara Municipal de Celorico da Beira.
- IDEM (1997) – Warda, Uarda, Guarda: as raízes. *Praça Velha*. Guarda, 5, p. 5-14.
- SENNA-MARTINEZ, João C. (1993) – O Grupo Baiões Santa Luzia: Contribuições para uma tipologia da olaria. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa, 1, p. 93-123.
- IDEM (1995a) – Entre o Atlântico e o Mediterrâneo: algumas reflexões sobre o grupo Baiões / Santa Luzia e o desenvolvimento de Bronze Final Peninsular. *A Idade do Bronze em Portugal: Discursos de poder*. [Lisboa]: Instituto Português de Museus, p. 118-122.
- IDEM (1995b) – O povoado do Cabeço do Castro de S. Romão. *A Idade do Bronze em Portugal: Discursos de poder*. [Lisboa]: Instituto Português de Museus, p. 61-67.
- IDEM (1995c) – O povoamento Calcolítico da Bacia do Médio e Alto Mondego – algumas reflexões. *Trabalhos de Arqueologia*. Lisboa, 7, p. 83-100.
- SENNA-MARTINEZ, João C. ; NUNES, Teresa S. (1993) – A ocupação do Bronze Final do Outeiro dos Castelos (Beijós): uma primeira análise. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa, 1, p. 137-141.
- SENNA-MARTINEZ, João C. et alii (1993) – A ocupação do Bronze Final da “sala 20” do Buraco da Moura de São Romão. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa, 1, p. 125-135.
- SENNA-MARTINEZ, João C. et alii (1993) – O sítio do Bronze Final da Malcata (Carregal do Sal): uma primeira análise. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa, 1, p. 149-154.
- SENNA-MARTINEZ, João C. et alii (1993) – O sítio do Bronze Final do Cabeço do Cucão, Pedra Cavaleira (Silgueiros, Viseu): uma primeira análise. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa, 1, p. 143-147.
- VALERA, António C. (1997) – *O Castro de Santiago (Fornos de Algodres, Guarda). Aspectos da Calcolitização da bacia do alto Mondego*. Lisboa: Câmara Municipal de Fornos de Algodres, p. 27-30.
- VALERA, António C.; MARTINS, Ana M. (1994) – Levantamento arqueológico do Concelho de Celorico da Beira. Relatório do trabalho de campo. *Trabalhos de arqueologia da EAM*. Lisboa, 2, p. 273-282.
- VILAÇA, Raquel (1995a) – A Idade do Bronze na Beira Baixa. *A Idade do Bronze em Portugal: Discursos de poder*. [Lisboa]: Instituto Português de Museus, p. 127-129.
- IDEM (1995b) – Aspectos do Povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos Finais da Idade do Bronze. *Trabalhos de Arqueologia*. Lisboa, 9.
- IDEM (2000a) – O Povoamento do I milénio a.C. na área do Concelho do Fundão: Pistas de aproximação ao seu conhecimento. *Estudos Pré-Históricos*. Viseu, VIII, p. 187-219.
- IDEM (2000b) – Notas soltas sobre o património arqueológico do Bronze Final da Beira Interior. *Beira Interior. História e Património: Actas das primeiras jornadas de Património da Beira Interior*. Guarda: Ferreira eds., p. 31-51.
- VILAÇA ET ALII (1998) – Lugares e caminhos no mundo pré-romano da Beira Interior. *Cadernos de Geografia*. Coimbra, 17, p. 35-42.

Cartografia

- CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL (1963) – Folha 18-C. esc. 1: 50 000. Lisboa: Instituto Geográfico e Cadastral. Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos – Serviços Geológicos.
- CARTA MILITAR DE PORTUGAL (1999)₄ – Folha 193. esc. 1: 25 000. Lisboa: Instituto Geográfico e Cadastral.

Catálogo de Materiais

Calcolítico

(FIGURA 1)

1. (6300) Pequena taça completa, reconstituída, com 6cm de bordo (diâmetro interno), 4cm de altura. Taça carenada, de pequena dimensão, com algumas semelhanças com materiais locais, nomeadamente o Dólmen Moinhos de Vento (SENNA MARTINEZ, 1987: 90), embora este exemplar seja mais pequeno e a carena mais baixa.

2. (C) Fragmento de bordo, com paredes finas, pasta de coloração castanha clara / bege, com escassos elementos não plásticos < 1mm. Apesar de não obtermos o diâmetro do bordo, pensamos que será muito semelhante ao exemplar exibido anteriormente.

3. (6290) Taça aberta de grandes dimensões, pouco profunda, com uma asa mamiliforme sob o bordo.

Proto-História Antiga

(FIGURA 2)

4. (6303) Fragmento de bordo e colo, correspondente a uma peça de grandes dimensões (apesar de não ser possível obter o diâmetro). Pasta de coloração

bege no exterior e no interior cinzenta, com elementos não plásticos, < 1mm, nomeadamente quartzo e grandes quantidades de mica no interior. Superfície exterior alisada. Apresenta decoração sob o bordo, com triângulos sequenciais, preenchidos internamente com linhas oblíquas.

5. (6302) Fragmento de bojo, com pasta de cor bege no exterior e no interior cinzenta, com elementos não plásticos < 1mm, nomeadamente quartzo e mica. Superfície exterior alisada. Produção fina.

Apresenta decoração com triângulos preenchidos com linhas oblíquas, denominada dentes de lobo.

(FIGURA 3)

6. (6299) Fragmento de bordo e colo, ligeiramente introvertido, com lábio convexo, superfícies de cor bege no exterior e no interior cinzenta, com elementos não plásticos, < 1mm, sobretudo mica e quartzo. A superfície exterior foi alisada. Embora com algumas reservas parece corresponder ao tipo 2 do Castelejo (VILAÇA, 1995a: 116), à variante B, tendo em conta o diâmetro do bordo (9cm) e o facto de a superfície exterior parece ter uma inflexão (carena). É um fabrico fino.

7. (G) Fragmento de bordo e colo, com carena pouco pronunciada, formando um recipiente inserido na mesma forma que o anterior, variante B do tipo 2 de Castelejo (VILAÇA, 1995a: 116). Pasta de cor bege no exterior e no interior castanha escura, com marcas de fuligem. A superfície exterior foi alisada. Fabrico fino.

(FIGURA 4)

8. (6281) Fragmento de bordo e colo, de um pote muito alto, com colo extrovertido, da forma 41.2[2] (SENNA-MARTINEZ, 1993:98). Apresenta pasta de cor castanha clara no exterior e cinzenta no interior, elementos não plásticos frequentes < 1mm, nomeadamente quartzo e mica.

9. (6283) Fragmento de bordo e colo, com pasta cinzenta, elementos não plásticos, em grande quantidade, nomeadamente mica e quartzo < 1mm.

10. (6277) Fragmento de bordo e colo, correspondente a um pote com colo estreito. Apresenta bordo inclinado para o exterior, lábio plano, liso, estrangulado na união com o colo. Superfícies cinzentas, com elementos não plásticos em grande quantidade, > 1mm.

(FIGURA 5)

11. (6278) Fragmento de bordo e colo, de taça com perfil em S e colo estrangulado. Pasta cinzenta, com elementos não plásticos em grande quantidade, alguns > 1mm.

12. (6286) Fragmento de bordo e colo, pote de colo alto, extrovertido, bordo extrovertido, lábio convexo, liso, com diâmetro de bordo mediano, com uma pasta de cor cinzenta, alguns elementos não plásticos > 1mm, nomeadamente quartzo.

(FIGURA 6)

13. (6287) Fragmento de bojo, com mamilo/botão de forma alongada. Pasta

cinzenta, com elementos não plásticos < ou = 1mm.

14. (6301) Fragmento de bojo, de pasta cor cinzenta, com elementos não plásticos abundantes, > 1mm. Apresenta uma decoração em cepillo. Esta técnica pode ser encontrada em diversos locais, como no Caldeirão (PERESTRELO, 2000: 78 – 10), ou Cabeço do Cucão, Pedra Cavaleira (SENNA-MARTINEZ, 1993: 147 (Est. V – 13)).

15. Fragmento de fundo.

16. Fragmento de fundo.

Proto História Recente

(FIGURA 7)

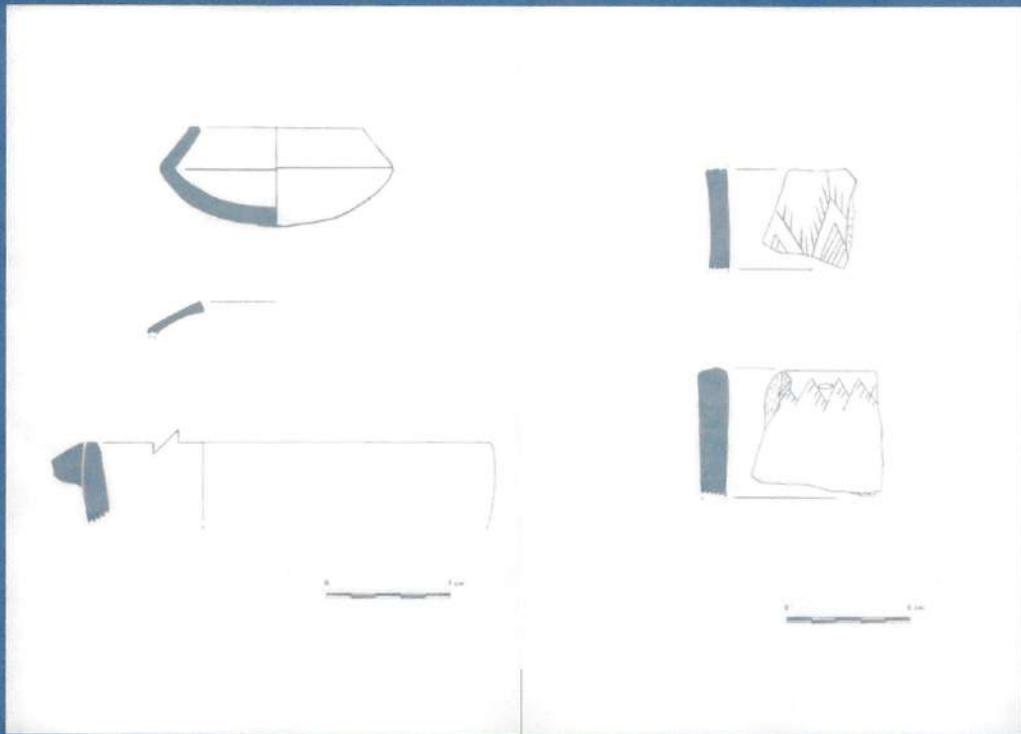
17. (6306) Fusaiola, de argila cozida, com pasta muito grosseira, cinzenta, com grandes quantidades de elementos não plásticos. > 1mm, nomeadamente quartzo.

18. (L) Fragmento de bordo e colo estreito. Bordo extrovertido, pasta cor bege, abundantes e elementos não plásticos, < 1mm.

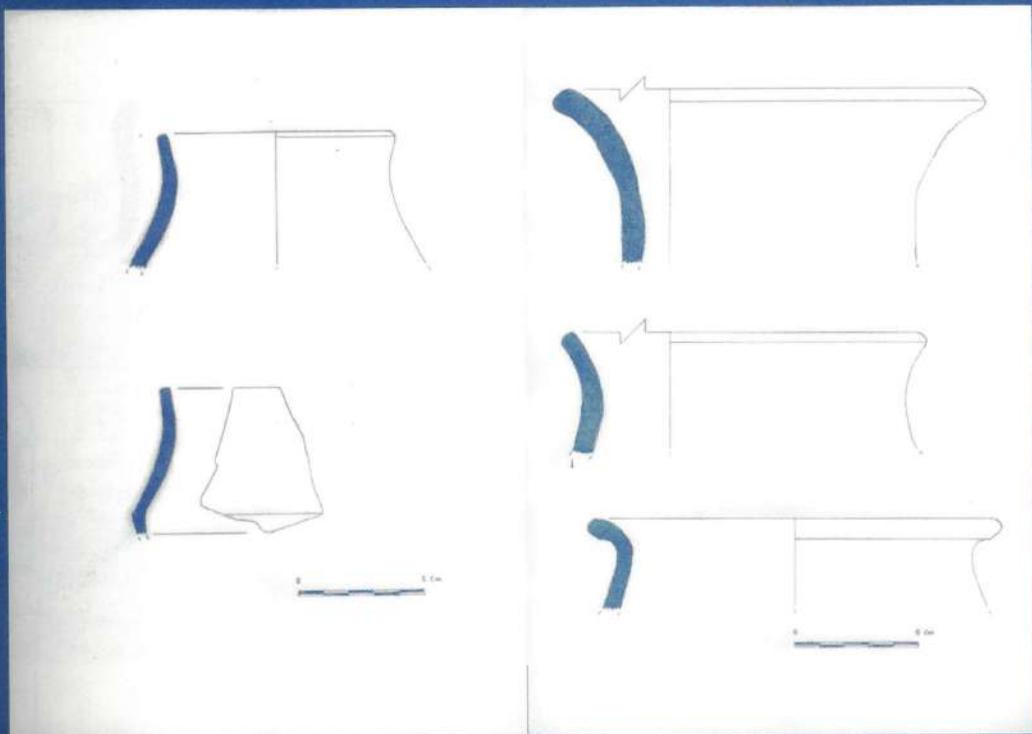
19. (6295) Fragmento de bordo e colo, com pasta cor de laranja, porosa, com escassos elementos não plásticos. Possui um colo muito alto e deve corresponder a um recipiente de grandes dimensões.

Notas de Rodapé

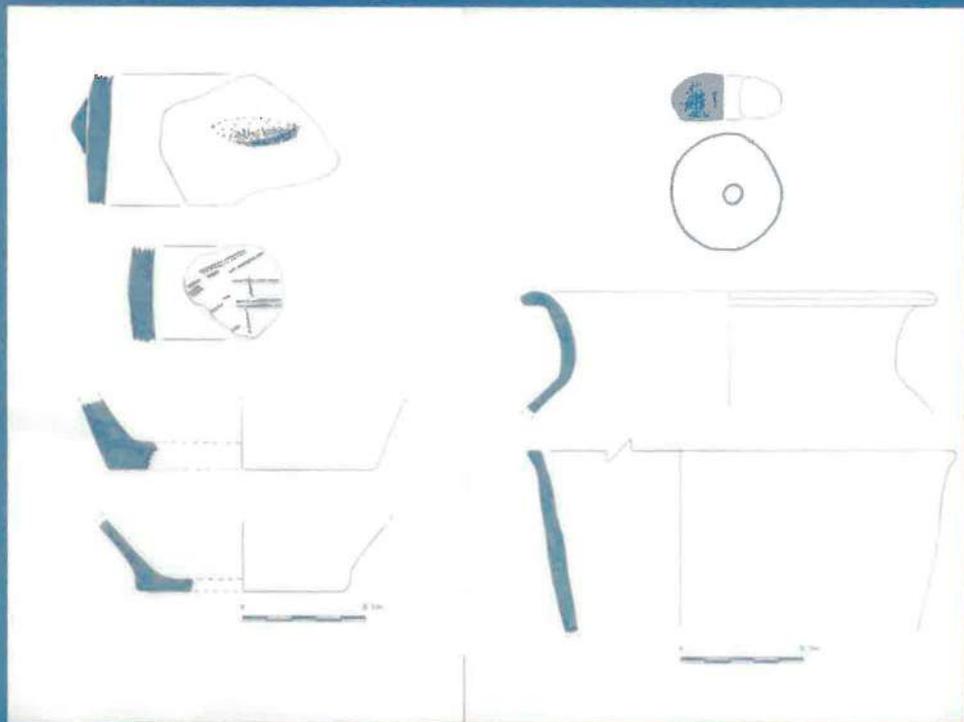
- 1- Arqueólogo da Câmara Municipal da Guarda.
- 2- Folha 192 da Carta Militar de Portugal, escala 1: 25 000.
- 3- Gostaríamos de referir a disponibilidade do Museu para o estudo dos materiais, com especial agradecimento à Dr.ª Sónia Pinto.



Figuras 1 e 2



Figuras 3 e 4



Figuras 5 e 6

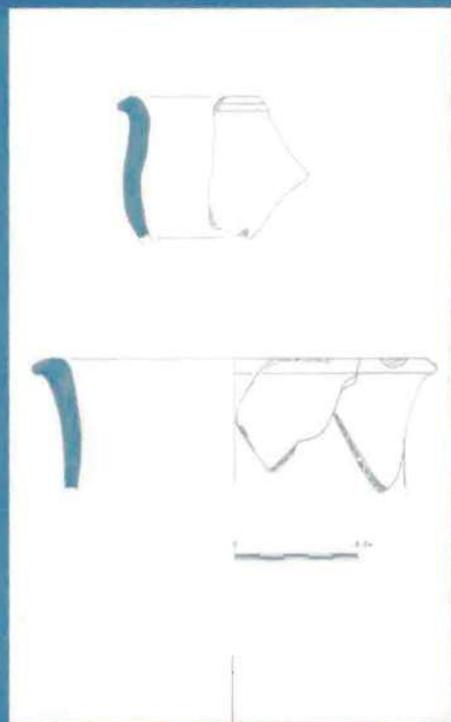


Figura 7